



Introdução a Missões Urbanas - Parte III

Princípios para o desenvolvimento de uma missão urbana transformadora

Dr. Samuel Ulisses de Castro Marinho

A) PRINCÍPIO TEOLÓGICO

O contexto urbano em áreas de risco requer princípios teológicos. Neste cenário é importante destacar que a pastoral deve ser identificada pela sua teologia bíblica e não por uma filosofia pragmática que eleva os meios e métodos ao status de elementos essenciais, em detrimento da Soberania de Deus e seus ensinamentos revelados nas Escrituras Sagradas. Segundo Padilla (1992, p. 113):

A Palavra de Deus é “inspirada” e como tal exerce, pela ação do Espírito Santo, uma função normativa, absolutamente imprescindível com relação à revelação teológica. Sem esse controle da Palavra e do Espírito que opera por meio da Palavra, a teologia se torna sabedoria humana. Uma simples projeção do homem. Antropologia.

A formação de uma ação de assistência pastoral em áreas urbanas de risco deve estar atenta à exortação de Padilla quando a teologia torna-se projeção humana e, para fugir de tal perigo, deve a teologia estar fundamentada na Bíblia. Esta atitude é importante para promover a transformação da cidade, caso contrário a ação pastoral se tornará insólita. Conforme afirma Greenway (2001, p. 182-183):

Nós não cumpriremos o chamado de Deus em missões a menos que tenhamos um entendimento básico do propósito salvífico de Deus para o mundo, revelado na Bíblia. Missões recebem sua iluminação e direção das Escrituras. Os missionários devem continuamente estudar a Bíblia, ou irão ser levados por idéias que surgem em nome de “missões”, mas que são falsas, na sua maior parte. Estejam certos de ganhar um fundamento sólido nas Escrituras antes de irem ao campo como missionários, e estejam perto da Palavra durante toda a sua vida. Passem aos novos fiéis e aos líderes das igrejas com as quais vocês trabalham as bases bíblicas de missões, em que vocês mesmo acreditam. Assim estarão construindo sua fé e iluminando-os para missões.

É precisamente isso que o autor desta pesquisa entende, e por isso toma o princípio teológico como importante para o desenvolvimento de uma assistência pastoral em áreas de risco, por duas razões. A primeira por ser um princípio universal, ou seja, ela é fundamental e deve ser o ponto de partida para a expansão do Reino de Deus, em todo e qualquer contexto. A segunda, por serem as áreas urbanas de risco locais difíceis por natureza, faz-se necessário ter uma boa e segura teologia para enfrentar os desafios desse contexto. Barro alerta quanto ao perigo causado por uma visão teológica reduzida: “Uma visão teológica estreita e limitada em relação à ação da igreja com a cidade irá limitar sua participação missionária na mesma” (BARRO, 2000, p. 75-76). Assim, há que se atentar para uma teologia adequada para a cidade (GREENWAY, 1997, p. 38).

O desafio urbano requer uma teologia que revele a primazia da Palavra de Deus. Este autor entende que o desenvolvimento de uma assistência pastoral em áreas de risco precisa de teologia bíblica

que, nos momentos de invasões ou conflitos armados, proporcione a segurança necessária para continuar sua missão.

O autor desta pesquisa entende que uma teologia bíblica assegura a igreja ações para salvaguardar a eficácia de sua assistência pastoral transformadora na cidade. E o faz revestindo-se “de toda armadura de Deus” (Ef 6.11), como afirma Greenway (2001, p. 133): “não somente uma vez, ou ocasionalmente, mas diariamente”. E assim, envolve-se com sua assistência em áreas de risco sabendo que “O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra” (Sl 34.7).

O que está em discussão é a construção de uma teologia cujo conteúdo aponte para o evangelho da graça e do amor de Deus, que fale de um novo nascimento, que retrate a nova presença transformadora de Cristo na cidade, por intermédio de sua igreja, ação que diminui gradativamente a violência, a miséria, prostituição, medo, insegurança e morte, consolidando a vontade de Deus na vida daqueles que ele está soberanamente conduzindo para os grandes centros urbanos do mundo.

B) PRINCÍPIO HERMENÊUTICO

O autor entende que, para o desenvolvimento de uma missão urbana transformadora, se faz necessária, também, a construção de um princípio hermenêutico que proporcione à pastoral urbana conhecer satisfatoriamente sua realidade. Conforme descreve Barro (2003, p.209): “necessitamos de uma hermenêutica que nos ajude não somente a ler a Palavra de Deus, mas também a realidade de nosso contexto”. Um bom exemplo da importância deste princípio é o do apóstolo Paulo na cidade de Atenas, quando prega para os cidadãos atenienses sobre a Soberania de Deus e a salvação em Cristo, e o faz após observar cuidadosamente particularidades de sua vida religiosa, conforme diz: “passando e observando os objetos de vosso culto...” (At 17.23), o que lhe assegurou a proclamação da palavra de Deus aos atenienses.

Para promover tal investigação, é preciso muito mais do que coletar dados sobre a realidade, em seus diversos aspectos: social, cultural, político, econômico, religioso, eclesial, pastoral; também responder algumas perguntas visando estabelecer um perfil da realidade das áreas de risco, tais como: Onde a igreja vai atuar? Quem são as pessoas que a igreja quer assistir? Quais são suas principais necessidades, preocupações, angústias, alegrias, ideais, valores e cultura? Qual é a sua situação econômica, política, social e religiosa? Que facção criminosa atua nesse contexto? Como as instituições civis, a sociedade, as outras igrejas e religiões atuam nessas áreas? Para cumprir tal tarefa é preciso inserir-se no contexto das áreas de risco utilizando as lentes da compaixão, e a partir delas analisar e interpretar o contexto. Segundo observa Silva (2006, p. 51):

[...] cabe a igreja viver entre o povo da cidade para entender a cultura que a cerca. Dos discípulos do Senhor Jesus espera-se que andem pela cidade, envolvam-se com as pessoas e, assim, entendam sua linguagem, seus códigos culturais.

A ausência de um conhecimento profundo em relação aos códigos, leis e geografia do local pode ter consequências desastrosas. Pois, tal ação fornece informações que podem auxiliar a igreja a desenvolver uma assistência pastoral na cidade. Esta análise deve considerar a cidade como sendo o cenário em que Deus está possibilitando à igreja cumprir seu papel missionário, e sendo assim, deve a igreja em áreas de risco aprender com Jesus a chorar pela cidade, a mover-se em direção à cidade, envolvendo-se com seus cidadãos ricos, pobres, miseráveis, num cenário multicultural.

Pode-se assim concluir que o princípio hermenêutico tem como finalidade prover as lentes adequadas para o desenvolvimento de ações estratégicas transformadoras. Gerando com isso passos importantes para a confecção de estratégias contextuais, com abordagens teológicas que assegurem o conteúdo bíblico fiel.

C) PRINCÍPIO ESTRATÉGICO

Para desenvolver uma missão urbana transformadora, além do princípio teológico e o princípio hermenêutico, esta pesquisa reconhece a importância da elaboração de estratégias adequadas ao contexto em que a igreja urbana vai atuar.

Um primeiro passo para cumprir tal propósito é a construção de relações de confiança obtidas através de visitas. Porém, visitas nesse contexto não são tarefas fáceis, como vimos no princípio hermenêutico, elas exigem a presença de um morador local. É preciso, portanto, entender a necessidade de identificar e capacitar membros que vivem nesses contextos, transformando-os em líderes e consultores. Essas pessoas conhecem e são conhecidas pelos seus vizinhos, elas são como elementos-chave, tornam-se intérpretes de uma realidade que revela ricas oportunidades para a proclamação do Reino de Deus.

A presença saudável da igreja no contexto urbano deve-se aos membros que residem no mesmo e, por isso, identificam aqueles que carecem de assistência integral.

Um segundo passo aponta para a construção de um discipulado autêntico. No geral, as igrejas enfrentam dificuldades em relação ao discipulado em áreas de risco, quer seja pela negligência de alguns pastores (SPROUL, 1998. p.5-8), ou por assumir uma postura antiurbana; neste contexto, alguns pastores, assustados com a violência do tráfico, não fazendo uso de uma teologia bíblica fiel, não utilizam as lentes da compaixão presentes no modelo de ministério urbano de Jesus, e acabam por assumir uma postura antiurbana, isolando-se e até mesmo abandonando o ministério pastoral em busca de outro campo longe da violência.

Segundo Padilha (1992, p.142) a razão de tal atitude resulta no fato de “um conceito um tanto romântico da obra missionária que impulsionou as missões a concentrarem seu esforço em pequenas tribos nas selvas, esquecendo-se das cidades”. Esta postura tem gerado uma ação missiológica urbana estreita e limitada no tocante à evangelização e o discipulado. Para Padilla (1992, p.141), isto se constitui “um desafio que a igreja deve encarar hoje”; no entanto, o que ocorre é que têm surgido ações ministeriais reducionistas, preocupadas apenas com a desigualdade social na cidade, esquecendo-se do pecado, da depravação total do homem.

Um projeto social, ou projeto urbanista, não muda em nada o caráter, a postura, como também, a realidade do medo e da violência; porém, Deus em Cristo pode fazê-lo. E para tal deve a igreja promover um discipulado autêntico.

Um terceiro passo aponta para a busca de uma estratégia adequada para o desenvolvimento evangelístico em um contexto de risco. Neste particular, nem todos os métodos evangelísticos podem ser

utilizados com facilidade. A pesquisa toma como exemplo o culto ao ar livre, se for realizado no “asfalto”¹, a prefeitura precisa autorizar, se for realizado no “morro”², o traficante precisa autorizar. Tanto um quanto outro podem ser interrompidos caso haja confronto entre policiais e traficantes. Mesmo assim, a igreja não deve deixar de cumprir seu papel missional. Na verdade, ela precisa desenvolver uma dinâmica que assista as pessoas, diminuindo riscos, sem diminuir sua compaixão.

Greenway (2000, p. 193) também destaca a importância da visitação nas casas de pessoas interessadas no estudo da Palavra de Deus, externando as benesses de tal dinâmica para o desenvolvimento de uma pastoral urbana, conforme afirma:

1. Você aprende a conhecer os outros membros da família e a construir relações de amizade com eles. 2. Você demonstra seus interesses por cada membro do lar, por seus problemas e suas necessidades, e mostra seu desejo de ajudá-los no que puder. 3. Você tem a oportunidade de falar, pessoalmente, para os membros da família acerca da sua necessidade de salvação por meio do Senhor Jesus Cristo, explicar o modo de obter esta salvação e orar por eles.

Segundo Michael Green (1984, p. 252), encontros nos lares tornaram-se um método bastante eficaz na igreja primitiva, e possuíam a vantagem de agrupar um número menor de pessoas, facilitando assim a interação espiritual. Conforme afirma:

Um dos métodos mais importantes de difusão do evangelho na antiguidade foi o uso das casas. Ele tinha muitas vantagens. O número relativamente pequeno de pessoas envolvidas tornava possível uma troca de idéias proveitosas e um debate geral entre os participantes. O pregador não era isolado artificialmente dos ouvintes; nem o orador, nem o crítico caíam na tentação de agradar o povo, como nos lugares públicos ou ao ar livre. A atmosfera muito informal e descontraída do lar, sem esquecer a hospitalidade que deve ter sido desfrutada, tudo contribuía para fazer com que o tipo de evangelização tivesse um sucesso especial.

Como se vê, a igreja primitiva promoveu uma eficiente evangelização nas casas. Assim, não há melhor maneira de evangelizar em áreas urbanas de risco; pois, sendo um modelo bíblico, não corre a igreja o perigo de transformar-se em uma organização não-governamental, ou uma agência assistencialista.

Segundo Greenway (2000, p. 77), este método era um dos preferidos do apóstolo Paulo no primeiro século, conforme afirma: “viajou de cidade em cidade, estabelecendo contatos com parentes e amigos dos judeus cristãos de Antioquia e todo lugar”. A Igreja urbana, em sua ação pastoral, deve procurar seguir este modelo neotestamentário e considerá-lo um excelente canal para a exposição das Boas Novas do Evangelho de Cristo nos dias atuais, através de células de Estudo da Palavra e Oração.

A pesquisa reconhece a existência de outros modelos estratégicos, para se aplicar em áreas urbanas, e recomenda àqueles que desenvolvem missão urbana fazê-lo após uma exegese de seu contexto, mas este autor optou pelas células de estudo da Palavra e oração por serem adequadas à realidade da Igreja

¹ Asfalto: Referência ao local que não está diretamente ligado ao poder do tráfico. Local que segue as leis do poder público (Prefeitura ou Governo do Estado).

² Morro: Domínio do tráfico.

urbana na atualidade. Contudo, não despreza a evangelização infantil, a terceira idade etc., ao contrário, o contato nos lares viabiliza o alcance dessas áreas.

D) CONCLUSÃO

Foram abordados alguns princípios a serem utilizados na missão urbana. Eles são fundamentais para o desenvolvimento de uma ação missionária sadia; pois, através do princípio teológico, a igreja em contexto de risco é revestida de autoridade e da solidez necessárias para assegurar uma assistência pastoral bíblica que transforme a cidade e suas áreas de risco.

Através do princípio hermenêutico, a igreja em áreas de risco aprende a olhar para a cidade com o mesmo olhar de Jesus, marcado pela compaixão, analisando e interpretando sua realidade com a exegese da misericórdia.

Através do princípio estratégico, a igreja deve destacar dentre os vários modelos estratégicos um modelo que melhor se encaixe com o perfil de seu contexto.

E) BIBLIOGRAFIA

- BARRO, J. Henrique. *Ações pastorais da igreja com a cidade*. Londrina, PR: Descoberta, 2000.
- GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GREENWAY, Roger S. (editor). *Discipling the city: a comprehensive approach to urban ministry*. Eugen, Second edition. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 1997.
- GREENWAY, Roger S. and MONSMA, Timothy. *Cities: missions' new frontier*. 2nd ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 2000.
- GREENWAY, Roger S. *Ide e fazei discípulos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.
- PADILLA, Rene C. *Missão Integral. Ensaio sobre o reino e a igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática, 1992.
- SILVA, Samuel Costa. A igreja do Senhor Jesus e seu crescimento orgânico. In: VV.AA. *Crescendo como igreja*. Goiânia, GO: Editora Logos, 2006.
- SPROUL, R. C. *Discípulos hoje*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

Rev. Samuel Ulisses de Castro Marinho

Ordenado em 18/12/92, pelo Presbitério Magé (RJ). Pastor da IP Barro Vermelho, em São Gonçalo, e membro do Presbitério. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro, em 1992. Mestre em Teologia Pastoral, com área de concentração em Missiologia, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em 2001. Doutorando em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper/Reformed Theological Seminary (Mississippi, EUA). Professor do Seminário desde 2000, lecionando atualmente as disciplinas de História da Igreja, Evangelização, História das Missões e Missões Urbanas.



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958